

PARA ALÉM do Racismo

ABRAÇANDO
UM MUNDO
INTERDEPENDENTE

Mais do que a rejeição da cor da pele de um povo, o racismo se constitui na negação da história e da civilização desse povo; a rejeição de seu ethos, de seu ser total. A diversidade, entretanto, é a condição universal da existência humana, e a riqueza da experiência humana se funda em grande parte na interação, na intercomunicação e no intercâmbio entre as culturas específicas. O objetivo verdadeiramente revolucionário não é o de erradicar as diferenças... (mas antes) evitar que elas sejam transformadas nas pedras fundamentais da opressão, da desigualdade de oportunidades, ou da estratificação social e econômica.

-Abdias do Nascimento
e Elisa Larkin Nascimento



Iniciativa Comparativa de Relações Humanas
REALÇES E PUBLICAÇÕES

DEIXANDO O VELHO MUNDO E embarcando no Novo

Durante todo o século vinte, os 125 milhões de pessoas de descendência africana ou de aparência negra vivendo no Brasil, África do Sul e Estados Unidos, e seus aliados, lutaram para superar o racismo e a desigualdade. Com seus esforços e sacrifícios, a procura de seus direitos humanos, conseguiram avanços significativos no sentido de enfraquecer a prática e a ideologia da supremacia branca, profundamente enraizadas nos costumes e nas instituições de suas nações.

Chegaram ao fim a segregação e discriminação legalizadas nos Estados Unidos e o apartheid na África do Sul. A maioria negra da África do Sul alcançou o poder político. Os afro-americanos dos Estados Unidos, uma minoria permanente, começaram a ascender na escala sócio-econômica. E a maior população de descendência africana fora do continente da África, os afro-brasileiros, finalmente conseguiu abrir um debate público sobre o racismo e seus efeitos em seu país.

Entretanto, tais mudanças não significam o fim do racismo ou da discriminação, apenas uma nova fase. Anos de investimentos insuficientes na educação dos povos de descendência africana ou de aparência negra; anos de machismo e discriminação de gênero, de subemprego ou desemprego, de marginalização social e de políticas públicas ausentes, indiferentes ou punitivas ainda contribuem para a manutenção da pobreza marcada pela cor que afeta milhões. Tais vestígios das desigualdades do passado, mitos raciais e estereótipos negativos insistentemente recorrentes, práticas institucionais injustas, e pobreza interagem e sobrecarregam o avanço dos negros.

A medida que o Brasil, a África do Sul e os Estados Unidos entram no mundo novo do século XXI, é hora de deixar para trás o racismo, não apenas por ser esse o caminho certo, racional e justo, embora o seja. Eles precisam deixar para trás o racismo por necessidade econômica e interesse nacional.

Os avanços tecnológicos estão criando forças e tendências transnacionais que transformam o mundo. A informação, as idéias, o capital e os negócios

transbordam instantaneamente as fronteiras nacionais. As migrações em dimensão inédita estão trazendo os mais diversos povos para uma proximidade maior. As dinâmicas do crescimento demográfico estão criando novas formas de interdependência entre as gerações e entre as raças. Referimo-nos à categoria "raça" como construção social, histórica e cultural, sem conotação biológica. Aquecem-se as reivindicações de responsabilização democrática, e tratamento justo das pessoas individual e coletivamente. Tornam-se mais proeminentes no comércio e nas relações internacionais os movimentos de mulheres e de direitos humanos. Encontrar melhores formas de promover a partilha do poder e a reconciliação entre grupos e interesses diversos torna-se essencial à paz e à prosperidade.

A revolução tecnológica cria uma economia interligada, global. Os países que têm altas taxas de pobreza, crime e desordem social; pequenas bases de consumo e de impostos; e muita gente com baixa instrução e estômago vazio são menos atraentes para os investidores e as empresas do que os países livres de tais problemas. O futuro econômico da África do Sul e do Brasil, onde a escala da pobreza é tão grande, depende em grande parte da melhoria do ensino, das vidas e da produtividade dos pobres, como também da eliminação das barreiras injustas à participação na economia formal. Embora poderosos, os Estados Unidos também estão prevendo um tempo em que o crescimento e a prosperidade talvez não sejam mais sustentáveis. Embora nos Estados Unidos as pessoas de descendência africana ou aparência negra componham uma percentagem menor dos pobres do que nos outros dois países, a realidade demográfica em fluxo e outros indicadores de mercado anunciam a necessidade de tais esforços agora para assegurar uma economia robusta no futuro.

O racismo é um problema moral, social e econômico. Encontrar maneiras de desenvolver plenamente "o capital humano, sem distinção de raça ou gênero", a verdadeira riqueza das nações, constitui-se no urgente desafio do século XXI.

A INICIATIVA COMPARATIVA de Relações Humanas

As publicações da Iniciativa Comparativa de Relações Humanas, uma inédita abordagem colaborativa das relações de poder contemporâneas entre pessoas de descendência europeia e africana no Brasil, na África do Sul, e nos Estados Unidos, oferecem uma visão panorâmica desse terreno em mutação. Formada em 1995, a Iniciativa é um fórum de pessoas dos três países para o intercâmbio de informações e a consideração de estratégias para superar a discriminação e a desigualdade. Utilizando uma lente comparativa e multidisciplinar, o objetivo da Iniciativa é o de contribuir para os diversos esforços em todo o mundo no sentido de combater todas as formas e variações de preconceito. As formas do preconceito são interligadas e interativas e juntas devem ser desenraizadas.

O racismo é um fenômeno internacional que demanda respostas nacionais e globais. É importante manter um ângulo amplo e uma visão abrangente.



TRES NAÇÕES na Encruzilhada

Com uma população de 166 milhões e uma das dez maiores economias do mundo, o Brasil é a maior nação da América Latina, do tamanho dos Estados Unidos (sem contar Alasca e Havaí). Colonizado pelos portugueses, o Brasil importou o maior número de escravos de todas as nações do hemisfério ocidental, e foi a última a abolir a escravidão (em 1888). É também uma das sociedades mais desiguais, do ponto de vista da distribuição de renda. De acordo com dados recentes, os vinte por cento mais ricos da população recebem 64% da renda nacional, enquanto os 20% mais pobres recebem 2.5%; a proporção de pessoas de descendência africana ou aparência negra entre estes últimos é bem maior do que sua participação na população em geral.

A África do Sul tem uma população de 41 milhões, mais de 76% negra, e é também uma das sociedades mais desiguais do mundo – um legado direto das políticas do regime do apartheid que sistematicamente privou os africanos do acesso à educação e de outros direitos e benefícios. Quase 65% da renda total da África do Sul destina-se aos 20% mais ricos; os 20% mais pobres, quase todos negros, recebem quatro por cento.

Os Estados Unidos, a superpotência que sobrou no mundo, tem uma população de 276 milhões, dos quais 13% são afro-americanos. A segregação legalizada dos negros na educação foi declarada ilegal em 1954, e a discriminação no emprego, na educação, na habitação, no exercício do direito ao voto e em outras esferas tornou-se ilegal na década dos sessenta. Apesar de desfrutar recentemente de uma economia em alta, os 20% mais ricos recebem quase um terço da renda nacional; os 20% mais pobres recebem apenas cinco por cento. Os dados sugerem que a desigualdade cresce.

O Brasil, a África do Sul e os Estados Unidos são jovens democracias com grandes populações multirraciais e multiétnicas. Cada um foi colonizado por pessoas de descendência europeia que escravizaram os africanos. No caso da África do Sul e dos Estados Unidos, após a abolição os africanos e seus descendentes foram segregados por lei e os esforços de ceder-lhes direitos iguais àqueles desfrutados por brancos enfrentaram resistência violenta. Assim não foi o caso do Brasil, onde a discriminação de fato era e é a ordem do dia.

O padrão de vida, a situação econômica e os prognósticos de cada país são diferentes. Entretanto, são motivos de profunda preocupação os fossos tão amplos entre o bem-estar de ricos e pobres, negros e brancos. Demonstram que as práticas e os mecanismos pelos quais se distribuem tais oportunidades não funcionam com justiça ou equilíbrio, apontando para a necessidade de mudanças.



Lições

Existem muitas lições a serem colhidas do exercício de comparar essas nações. A seguir, apresentamos algumas.

A raça é uma idéia. Frequentemente, usa-se a idéia de “raça” ou da aparência física a ela associada como um código para identificar o outro. Entretanto, a maioria de nós não temos a menor idéia do que é “raça”, ou do que não é, cientificamente. Prejulgamos os outros com base na “raça” e frequentemente embutimos o conceito com significados que não tem e não deve ter.

A ciência nos ensina que existe apenas uma raça de verdade, a raça humana. Somos todos fundamentalmente iguais, embaixo da pele. As características superficiais como a cor, a textura do cabelo ou o fenotipo nada têm a ver com a inteligência ou com o bom caráter. A idéia de que algumas pessoas sejam superiores ou inferiores a outras devido à raça é errada. A educação e o processo histórico sócio-econômico cria as hierarquias de poder a as disparidades entre os grupos de pessoas, e não a natureza inata.

A raça é construída de formas diferentes em nossos três países. No Brasil, os africanos foram escravizados durante mais de 460 anos. Entretanto, a miscigenação entre os brancos e os africanos (sobretudo homens brancos e mulheres negras vulneráveis) foi incentivada para “embranquecer” a população. Hoje, no Brasil a “boa aparência” – próxima ao ideal branco europeu – é valorizada. A maioria dos brasileiros se identificam com base na “cor” em lugar da linhagem ou ascendência. Contudo, economicamente e politicamente os negros e os mestiços ocupam o mesmo lugar subordinado. Os brancos, como grupo, são dominantes.

Nos Estados Unidos e na África do Sul, a idéia de “raça” é ligada em grande parte à descendência. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde a escravidão durou por mais de 240 anos, considerar como “negros” todos os filhos de escravos, independentemente de sua aparência, constituía uma boa maneira de aumentar a população escravizada. Hoje, a maioria dos afro-americanos dos Estados Unidos são “mestiços” no sentido de ter ancestrais de diferentes origens. Entretanto, ainda são arbitrariamente classificados como afro-americanos, não importando sua aparência ou o quanto têm de origens africanas. Na África do Sul, a maioria da população é negro-africana, mas existem também pessoas de descendência asiática oriental e/ou mista que são considerados “de cor” (coloured) e diferenciados dos negros.

As formas do racismo diferem, mas as conseqüências são as mesmas. Em todos os três países, independentemente de como se define “raça”, o privilégio e a pobreza são marcadas pela cor. As pessoas que parecem européias na cor e no fenotipo têm um “privilégio de pele” – elas fazem parte do grupo que em cada país historicamente desfrutou o monopólio do poder social, político e econômico. Instituiu-se uma hierarquia de poder estratificada por cor ou raça.

O Arcebispo Desmond Tutu observou em certa ocasião que é “difícil acordar o homem que finge estar dormindo”. Uma das maiores barreiras ao deslocamento para além do racismo é a tendência de muitas pessoas de permanecer cegos diante dos infortúnios dos outros e dos abusos cometidos contra eles. Para essas pessoas, o racismo fica “invisível”. Entretanto, o desejo do racismo inexistir não o elimina. Nem constitui-se a aspiração à cegueira em relação à cor num plano de ação para eliminar os efeitos reais e atuais da discriminação e da desvantagem racial.

Uma reflexão sobre herança do apartheid na África do Sul é o suficiente para que vejamos as conseqüências do racismo e da discriminação sem freios: a injustiça e a desigualdade; a pobreza; uma economia subdesenvolvida; uma base de consumo pequena; escassez de mão de obra qualificada; o desespero; e a falta de recursos governamentais necessários à construção de uma rede de segurança social. Seja nos quetos dos Estados Unidos, nas favelas do Brasil ou nas townships da África do Sul, o quociente de sofrimento e os custos do racismo são muito altos. O racismo pode ser vantajoso para algumas pessoas, mas não é um caminho para o desenvolvimento de uma economia ou para a melhoria de nações inteiras de pessoas.

O que pode ser feito para mudar o estado atual das coisas, determinado pela cor? Muito. Não existem receitas prontas para a mudança. O racismo é um sistema de poder institucionalizado entranhado de formas diversas nas culturas, histórias, mitos, mores, políticas e instituições nesses países. As respostas devem também ser variadas.

O Dr. Gunnar Myrdal teve ocasião de usar a metáfora do “círculo vicioso para baixo” ao descrever a maneira com que os fatores como raça, pobreza, e falta de acesso ao ensino interagem para oprimir grupos de pessoas. Mas ele também sugeriu um “círculo virtuoso” pelo qual pode ocorrer a mudança para o bem, a transformação positiva. Simplesmente, é que quando tantos fatores se interligam, a mudança de um deles pode engatilhar uma reação em cadeia de respostas em relação a todos.

É esse o caso do Brasil, da África do Sul e em todo o mundo. As pessoas de boa vontade usam os instrumentos, os talentos e as esferas de influência disponíveis para efetuar a transformação. A situação é de fluxo; é aí que mora a esperança:

- Existe um consenso emergente em todo o mundo de que não existem raças “inferiores” ou “superiores” e que reconhece a igualdade fundamental e os direitos de todos os povos;
- Os governos, as empresas e as pessoas começam a compreender que a chave para a prosperidade nacional está na busca de formas de ajuda às pessoas de descendência africana, às mulheres e a outros grupos marginalizados a obter a saúde, os conhecimentos técnicos e os direitos necessários para que possam contribuir de forma produtiva à vida nacional;
- Os povos de descendência africana vêm conseguindo aumentar seu acesso ao poder político e aos recursos públicos para combater o racismo e para implementar esforços complementares e compensatórios para aliviar a pobreza;
- Existe um acúmulo de experiência em todo o mundo em torno de como promover a unidade, e não a divisão, entre os povos, que pode ser recolhida e utilizada no apoio à inovação e à transformação;
- Hoje existem mais negros abastados e com bom nível de ensino que em qualquer momento antes, com recursos e influência para trabalhar contra o racismo;
- Os movimentos de libertação das mulheres de todas as “raças” e etnias, bem como outros grupos e comunidades discriminados, estão desafiando os sistemas fechados em cada país que beneficiavam em primeiro lugar os homens brancos; estão criando novas alianças e tornando-se aliados na busca da transformação;
- Pessoas preocupadas com a promoção da democratização, da responsabilização das autoridades, do fim da impunidade, do estado de direito, e da livre empresa começam a compreender a importância de ajudar a todos, independentemente da aparência, e tornam-se engajados interessados nas suas comunidades e nações;
- Existe entre os povos um crescente desejo de paz e de reconciliação;
- Instituições internacionais de direitos humanos e outros organismos semelhantes, preocupados com os exageros do capitalismo global e com o impacto da tecnologia, estão buscando formas de criar o desenvolvimento sustentável e amplificado, de evitar a degradação do meio-ambiente, de promover a partilha do conhecimento científico e tecnológico, e de reconhecer o papel de todos os povos e nações como componentes de nosso ecossistema global.

Participantes do Grupo Internacional de Trabalho e Consultoria
Iniciativa Comparativa de Relações Humanas

Peter D. Bell
CARE, Estados Unidos

Ana Maria Brasileiro
Banco Interamericano de Desenvolvimento,
Estados Unidos

Lynn Huntley
The Southern Education Foundation,
Estados Unidos

Wilmot James
Universidade de Cape Town, África do Sul

Shaun Johnson
Independent Newspapers Holdings Limited,
África do Sul

Paulo Sergio Pinheiro
Universidade de São Paulo, Brasil

Edna Roland
Fala Preta, Brasil

Khehla Shubane
Universidade de Witwatersrand, África do Sul

Ratnamala Singh
Fundação Nacional de Pesquisa, África do Sul

Gloria Steinem
Ms. Magazine, Estados Unidos

Franklin A. Thomas
Grupo de Estudos TFF, Estados Unidos

Tom Uhlman
Lucent Technologies, Estados Unidos

PUBLICAÇÕES da Iniciativa

A Iniciativa Comparativa de Relações Humanas vem desenvolvendo várias publicações ligadas que amplificam os temas e as idéias apresentadas neste volume, com base em fontes originais e expressas nas vozes de pessoas desses três países. Os relatórios incluem:

- **Para além do Racismo** [*Beyond Racism*], um panorama dos resultados da pesquisa do Grupo Internacional de Trabalho e Consultoria, com destaque para os perfis em primeira pessoa de destacados norte-americanos, brasileiros e sul-africanos envolvidos na luta contra o racismo e as reflexões dos membros do Grupo Internacional de Trabalho e Consultoria.
- **Three Nations at the Crossroads** [*Três nações na encruzilhada*], retratos aprofundados e detalhados, ricos em dados, do Brasil, da África do Sul e dos Estados Unidos, feitos pelo Charles V. Hamilton, Professor Emeritus da Universidade de Columbia (Nova Iorque); Wilmot James, Diretor da Universidade de Cape Town e Jeffrey Lever, bolsista na África do Sul; Ira Glasser, Diretor Executivo da União Americana de Liberdades Cívicas (ACLU); Colin Bundy, Universidade de Witwatersrand; Abdias Nascimento, ex-Senador da República e atual Secretário de Estado de Direitos Humanos, Governo do Estado do Rio de Janeiro, e Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova Iorque (Buffalo); Elisa Larkin Nascimento, M. A., J.D., Universidade do Estado de Nova Iorque (Buffalo) e diretora do IPEAFRO; Nelson do Valle Silva, Professor, Instituto de Pesquisas do Rio de Janeiro; e um resumo histórico compreensivo de datas e eventos chave em relação à questão racial nos três países.
- **In Their Own Voices** [*Nas próprias vozes*], uma coleção organizado por tópicos, reunindo artigos, frases citáveis, e trechos de discursos dos participantes das reuniões da Iniciativa, como Ellis Cose, jornalista; Frene Ginwala, presidente da câmara, Parlamento Sul-Africano; Alex Boraine, Vice-Diretor da Comissão Sul-Africana da Verdade e da Reconciliação; Emmett Carson, Presidente da Fundação Minneapolis; Gloria Steinem, Editora Contribuinte da Ms. Magazine; Mahmood Mamdani, Professor da Universidade de Cape Town; Njabulo S. Ndebele, Vice-Reitor da Universidade do Norte; Susan V. Berresford, Presidente da Fundação Ford, e muitos outros.
- **Color Collage** [*Colagem de cores*], ensaios ocasionais sobre assuntos como as origens do racismo, o papel da mídia, os esforços de verdade e reconciliação, a globalização, as desigualdades econômicas, a comunidade religiosa, entre outros, de autores como George Reid Andrews, Professor da Universidade de Pittsburgh; C. Eric Lincoln, Professor Emérito da Universidade Duke (Durham, N.C., EUA), e muitos outros.

Os livros da Iniciativa incluem:

- **Beyond Racism: Embracing an Interdependent Future** [*Além do racismo, abraçando um futuro interdependente (título provisório)*], o Relatório Completo do Grupo Internacional de Trabalho e Consultoria da Iniciativa Comparativa de Relações Humanas, que inclui transcrições detalhadas, fontes, e bibliografia comentada [no prelo].
- **The Same Beneath the Skin**, [*Iguais embaixo da pele (título provisório)*], uma antologia comparativa organizada pelos Charles V. Hamilton, Wilmot James, Neville Alexander (Professor da Universidade de Cape Town), Antônio Sérgio Guimarães (Professor da Universidade de São Paulo) e Lynn Huntley, Diretora do Iniciativa Comparativa de Relações Humanas, focalizando questões na área da educação nos três países, os custos do racismo, remédios internacionais, os pros e contras da ação afirmativa, e o prognóstico para o futuro de um movimento para além do racismo nas três nações, por estudiosos e ativistas reconhecidos [no prelo].
- **Tiranda a Máscara: Ensaios Sobre o Racismo No Brasil** [*Taking off the Mask: Essays on Racism in Brazil*], um volume em português reunindo ensaios de muitos dos estudiosos e militantes afro-brasileiros de destaque [no prelo].
- **Grappling With Change** [*Lidando com a transformação*], de Yazeed Fakier (Cape Town: David Philip Publishers and Idasa, 1998), um estudo de como os sul-africanos tocando suas vidas após o fim do apartheid.
- **Between Unity and Diversity** [*Entre a unidade e a diversidade*], organizado por Gitanjali Maharaj (Cape Town: David Philip Publishers and Idasa, 1999), uma coleção de ensaios sobre os esforços de construir a nação pós-apartheid.

THE SOUTHERN EDUCATION FOUNDATION
Elridge W. McMillan, Presidente

INICIATIVA COMPARATIVA DE RELAÇÕES HUMANAS
Lynn Huntley, Diretora
135 Auburn Avenue • Second Floor
Atlanta, Georgia 30303 • USA
(404) 523-0410 (telefone) • (404) 523-6904 (fax)
www.beyondracism.org • www.sefatl.org

VOLUMES DISPONNIVEIS a Serem Encomendados



PARA FAZER DOWNLOAD dos relatórios e documentos da Iniciativa ou para encomendar as publicações impressas, visite o site da Iniciativa: www.beyondracism.org

OU ENTRE EM CONTATO COM A INICIATIVA COMPARATIVA DE RELAÇÕES HUMANAS
Southern Education Foundation
135 Auburn Avenue, Second Floor
Atlanta, Georgia 30303
(404) 523-0410 (telefone) or (404) 523-6904 (fax).

AS PUBLICAÇÕES do Instituto para a Democracia na África do Sul (Idasa) podem ser encomendadas através do site do Instituto: www.idasa.org.za

INFORMAÇÕES sobre a Southern Education Foundation (Fundação Sulista de Educação) estão disponíveis através de nosso site: www.sefatl.org

SEF
SINCE 1857

ABRAÇANDO UM Futuro Interdependente

O mundo está mudando – será ainda “menor”, e seus povos e nações mais interdependentes, no século XXI. Mas uma coisa é certa: o racismo, o machismo e outras formas de discriminação não desaparecerão se as pessoas e as nações não resolverem mudar e em seguida se comprometerem, de forma grande ou pequena, com essa transformação.

Vendo em retrospectiva a luta para superar o racismo durante os últimos cem anos, fica claro que as mudanças se realizaram através dos esforços acumulados de muitas pessoas, pessoas comuns, que viram que a liberdade e os direitos humanos são indivisíveis ou, como observou o Dr. Martin Luther King, Jr.: “A injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todo lugar.”

O racismo não é um problema do negro ou do branco. É um problema humano que nos atinge a todos. É também um problema que tem solução.

Temos escolhas a fazer. Podemos trabalhar agora para criar futuros compartilhados e viáveis ou podemos continuar o conflito sem sentido que já roubou a tantos, no passado, as suas vidas e o seu bem-estar. Tendo ou não criado o problema do racismo, nós todos compartilhamos a responsabilidade e temos um interesse na sua eliminação.

A esperança de um futuro para além do racismo depende do que cada um de nós se dispõe a fazer em nossas vidas, em nossas instituições, em nossos países e no exterior. Vivemos em sociedades diferentes, mas cada vez mais no mesmo mundo. Somos todos iguais embaixo da pele.